

Viver o(s) quotidiano(s) da cidade europeia medieval: espaços, tempos e protagonistas

*Amélia Aguiar Andrade¹
Gonçalo Melo da Silva²*

Em 2021, o Instituto de Estudos Medievais da NOVA-FCSH e a Câmara Municipal de Castelo de Vide organizaram a sexta edição das *Jornadas Internacionais de Idade Média* subordinada ao tema: *A vida quotidiana da cidade na Europa Medieval*. Tendo como espaço de observação a Europa cristã e islâmica pretendeu-se que a temática fosse abordada *grosso modo* através de quatro perspetivas distintas mas complementares : I) os espaços do quotidiano, ou seja, as residências, os locais de trabalho e os ocupados e utilizados pelas instituições leigas e religiosas; II) os tempos do quotidiano quer os da normalidade quer os dos momentos de exceção; III) os quotidianos dos seus habitantes, sejam estes crianças, velhos, homens, mulheres, cristãos, judeus, mouros ou estrangeiros; IV) os objetos e utensílios empregues no dia-a-dia da vida urbana, considerando a sua produção e os seus usos.

As *Jornadas* foram precedidas, como é habitual, pela *Escola de Outono* para mestrandos e doutorandos, onde o número de docentes convidados para lecionar e de professores e/ou investigadores interessados em debater problemáticas de investigação, assim como de estudantes empenhados em apresentar os seus projetos de tese ou dissertação tem vindo a crescer gradualmente. Este diálogo entre investigadores experientes e de elevado mérito, provenientes de diferentes países e de escolas e formações historiográficas distintas e, jovens em início de carreira continua a afirmar-se como uma experiência formativa única no contexto português. A participação neste fórum internacional e a frutuosa troca de ideias que proporciona contribui para a inserção de jovens investigadores em redes de trabalho colaborativo mais alargadas, conferindo uma mais ampla perspetiva aos trabalhos que pretendem

¹ NOVA FCSH; IEM – NOVA FCSH.

² IEM – NOVA FCSH.

desenvolver. A *Escola de Outono de Estudos Medievais* continua assim a impor-se, pouco a pouco, na agenda de trabalho de mestrandos e doutorandos nacionais e estrangeiros, afirmando-se como uma das atividades fulcrais na parceria estabelecida entre o Instituto de Estudos Medievais e a Câmara Municipal de Castelo de Vide.

O trabalho desenvolvido nas duas atividades realizadas permitiu reunir 26 textos – três resultam de lições apresentadas na *Escola de Outono* – elaborados por 29 investigadores provenientes da Alemanha, Argentina, Áustria, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Portugal e Turquia. Todos beneficiaram das observações e comentários produzidos nos debates ocorridos nas diferentes sessões, bem como dos olhares minuciosos e valorativos dos avaliadores que fizeram a sua prévia leitura crítica. A maioria dos artigos orientam a sua reflexão, como é de esperar, para os reinos ibéricos, mas outros há que abordam geografias mais longínquas, como os Balcãs, a Escandinávia, a Flandres ou, a Itália. O período cronológico predominante corresponde aos séculos finais da Idade Média, uma escolha que, no caso peninsular, mais uma vez não constitui uma surpresa, devido às bem conhecidas limitações das disponibilidades documentais para as primeiras centúrias medievais.

A obra que agora se publica procura organizar os textos reunidos de forma coerente através das seguintes secções: *Quotidianos das instituições e formas de vida religiosa*, *Quotidianos das instituições leigas*, *Quotidianos dos mercadores e estrangeiros: espaços, tempos, protagonistas*; *Quotidianos dos artesãos: espaços, tempos, protagonistas*; *Quotidianos entre o urbano e o rural*; *Quotidianos agitados: revoltas, conflitos e guerras* e *Entre os tempos de exceção e o quotidiano representado*. Esta estrutura constitui uma proposta que pretende ter presente a complexidade de algumas temáticas, o cruzamento de tipologias documentais diversificadas e, simultaneamente, valorizar as distintas perspetivas de investigação desenvolvidas pelos autores.

A secção denominada *Quotidianos das instituições e formas de vida religiosa* integra cinco artigos que tendo como espaço de observação os centros urbanos ibéricos sobretudo nos séculos XIV e XV desenvolvem problemáticas, entre as quais se podem destacar as que abordam o papel dos prelados na administração da justiça, ou a articulação que os membros do clero secular estabeleciam entre os tempos de oração e as atividades de lazer, estas últimas, como a caça e a equitação, trazidas do mundo da nobreza leiga de que muitos eram provenientes. Outras, porém, glosam as escolhas devocionais e o recurso aos sentidos para transmissão da mensagem cristã no dia-a-dia da vivência dos espaços sagrados ou, as práticas religiosas de comunidades femininas ligadas a ordens militares. Entre os apartados estabelecidos para esta obra este é, sem dúvida, aquele em que se cruza a maior diversidade de tipologia documentais, pois os autores recorreram à palavra escrita em suportes como o pergaminho e a pedra, à escultura e ainda, ao património edificado.

Destaque-se nesta secção o texto de João Luís Fontes – *Os quotidianos que nos escapam: reclusas e mulheres da pobre vida nos núcleos urbanos do sul de Portugal nos finais da Idade Média* – que se apresenta como um importante contributo para o conhecimento das formas de religiosidade femininas das comunidades urbanas, com especial enfoque espacial no Alentejo. O autor desenvolve uma síntese reflexiva e problematizante, assinalando como se estabelecia a relação destas mulheres com as sociedades urbanas e com os poderes em presença. Fica ainda evidente a influência que as propostas eremíticas tiveram nestes processos, que como o autor bem demonstrou em outros estudos que realizou, assumiram uma presença significativa nos concelhos alentejanos dos finais da Idade Média, habitados por sociedades mais recetivas a estas formas de espiritualidade.

Na secção, intitulada *Quotidianos das instituições leigas*, reúne-se um conjunto de quatro estudos que têm como espaço de observação os núcleos urbanos castelhanos, navarros e catalães dos séculos XIV e XV. Os distintos autores exploram, entre outras perspetivas, o funcionamento das assembleias municipais, o papel dos homens da escrita na articulação do comércio entre as cidades e os espaços rurais próximos ou, a participação dos oficiais régios no dia-a-dia citadino. O texto de Eloísa Ramírez Vaquero – *Vivir entre las élites burguesas navarras, según inventarios y testamentos del siglo XIV* – aborda o quotidiano das elites urbanas, incluindo as das comunidades judaicas, recorrendo e cruzando fontes navarras ainda pouco glosadas de forma integrada, como é o caso dos testamentos e dos inventários e/ou listagens produzidas no âmbito de processos judiciais.

O apartado *Quotidianos dos mercadores e estrangeiros: espaços, tempos, protagonistas* congrega textos que procuram refletir sobre a integração de mercadores e estrangeiros na sociedade urbana e tendo como principal enfoque a organização dos seus tempos de trabalho e de lazer e as solidariedades e ligações familiares que aí se revelavam. Privilegiando mais uma vez os séculos XIV e XV, os autores focam espaços e contextos socioculturais distintos, compreendendo desde as cidades do Mar Mediterrâneo, como Valência e Zadar, até aos mares do Norte e Báltico, através de urbes situadas na Flandres e no sul da Escandinávia. David Igual Luís, no seu artigo, intitulado *El comercio urbano en la Baja Edad Media: su cotidianidad y sus agentes sociales*, parte de exemplos hispânicos e italianos para refletir sobre os elementos que condicionavam o dia-a-dia do comércio e dos mercadores e o espaço em que este se desenvolvia, articulando-os com a circulação de práticas comerciais e a trajetória social dos agentes envolvidos nesse comércio. Saliente-se ainda a recuperação que Flávio Miranda faz do quotidiano dos mercadores portugueses na cidade flamenga de Bruges recorrendo para tal, a documentação conservada em arquivos belgas, deixando assim bem claro como o alargamento da heurística a fundos documentais conservados no estrangeiro pode ser frutuosa para o medievismo português.

A quarta secção, organiza-se em torno do tema *Quotidianos dos artesãos: espaços, tempos, protagonistas*, centrando-se, como é óbvio, nas atividades artesanais e nos homens e mulheres que as dinamizavam, a partir dos exemplos de Kastoria, Lisboa e Verona. Enquanto as duas primeiras foram analisadas em Trezentos e Quatrocentos, para a cidade italiana a cronologia escolhida foi o século XII. Estes textos cruzam perspetivas entre a arqueologia, a história e a história da arte a partir de três atividades distintas: a confeção e comércio de têxteis e a presença feminina nessas atividades; a construção, através do estudo dos promotores e executores de obras e ainda, a produção e venda de objetos quotidianos em cerâmica ligados ao abastecimento urbano. Embora focados em cidades com escalas e contextos históricos diferentes, os estudos de Miguel Nunes e Nuray Ocakli contribuem para realçar a importância da continuidade da presença das comunidades vencidas em processos conquistadores – muçulmanos em Lisboa e cristãos ortodoxos em Kastoria – e o seu subsequente papel na vida económica das urbes onde continuaram a habitar.

Quotidianos entre o urbano e o rural reúne as contribuições que se centram no estudo da vivência diária das relações entre estes dois distintos mas complementares espaços de implantação das comunidades medievais, tomando como exemplo casos portugueses entre os séculos XII a XVI. Rúben Conceição procura refletir sobre o papel dos concelhos portugueses na abertura e manutenção de estradas, caminhos e pontes que permitiam a fluidez dos contactos humanos e a circulação de mercadorias, indispensáveis ao dia-a-dia dos núcleos urbanos. Os arrabaldes e o termo de Lisboa estão no centro de outros dois textos que, partindo de uma perspetiva arqueológica, analisam os objetos ligados aos quotidianos domésticos das comunidades que aí viviam.

No apartado *Quotidianos agitados: revoltas, conflitos e guerras*, como a designação evidencia, estão integrados os artigos que exploram momentos de exceção e turbulência do quotidiano como eram as frequentes guerras e conflitos. Os autores dos textos agora disponibilizados centraram as suas reflexões nas cidades e vilas ibéricas, principalmente entre os séculos XI e XV. Recorrendo a fontes produzidas por diferentes poderes, como forais, crónicas e atas das reuniões concelhias, salientam o impacto das ocorrências militares na vida diária das populações, sobretudo das que residiam próximo da fronteira, evidenciando os seus efeitos desestabilizadores no espaço e na vivência urbanas. Entre os textos disponibilizados, revelam-se, especialmente sugestivos os que têm como espaço de observação a Comarca de Entre-Tejo-e-Odiana, uma unidade administrativa que, na Idade Média, integrava a vila de Castelo de Vide. João Nisa aborda as problemáticas decorrentes, numa região com graves problemas demográficos e uma posição fronteiriça determinante, da aplicação dos encargos militares num contexto cronológico de repetida conflitividade entre reinos vizinhos. Luís Rêpas, por seu lado, segue uma linha de investigação menos

glosada pela historiografia portuguesa, uma vez que analisa os efeitos perturbadores da terceira guerra fernandina junto da comunidade monástica feminina de São Bento de Cástris de Évora, que implicaram uma profunda alteração do seu espaço habitual de instalação e consequentemente das suas práticas quotidianas.

Encerra este livro a secção *Entre os tempos de exceção e o quotidiano representado* que congrega os estudos que versam momentos extraordinários da vivência do quotidiano urbano de Lisboa e Coimbra e ainda, um singular contributo que recupera o dia a dia de Segóvia medieval através da análise da compilação de provérbios conservados no *Seniloquium*, obra datada de finais do século XV. O estudo de María Belén Randazzo, com efeito, não deixa dúvidas sobre a importância da análise crítica de fontes literárias como uma perspetiva fundamental para a recuperação das representações do quotidiano medieval produzidas pelas sociedades medievais. A maioria riqueza da informação disponível para as décadas finais da Idade Média portuguesa permite revelar de uma forma detalhada cerimónias e rituais ocorridos em contextos urbanos. Assim acontece com a normativa concelhia da cidade de Coimbra que regulamentava com grande pormenor as festas ocorridas na cidade e que Rodolfo Feio enuncia no seu estudo. Rui Miguel Rocha, por seu lado, propõe uma reconstituição de uma cerimónia fundamental do quotidiano estudantil universitário: a cerimónia de graduação.

Todas as contribuições reunidas nesta obra ajudam a compreender melhor o *quotidiano* ou, na verdade, evidenciam os *quotidianos* possíveis de serem vividos e consequentemente estudados para a Europa urbana medieval. Embora a obra reúna a maioria das linhas temáticas previstas pelos editores aquando do lançamento do tema destas *Jornadas*, outras existem que foram pouco abordadas e/ou que não se encontram presentes nesta obra, como os quotidianos feminino e infantil ou o dos marginais. Ou o das minorias étnico-religiosas, ou seja das comunidades de muçulmanos e de judeus instaladas em contextos urbanos e que ajudavam a compor um dos traços da específica identidade dos núcleos urbanos medievais ibéricos. Omissa estão também as reflexões sobre o impacto da presença da corte régia / senhorial ou da nobreza residente nas vilas e cidades europeias, que sabemos terem marcado, de forma evidente, os ritmos e materialidades dos seus quotidianos. Numa linha de investigação que recentemente se tem afirmado na historiografia medieval europeia, teria sido interessante contar com abordagens que privilegiassem a recuperação da vivência de emoções em contextos quotidianos como as decorrentes de momentos de alegria ou de dor e que sempre se associavam às distintas etapas do ciclo de vida de homens, mulheres e crianças.

Apesar de nesta obra ser possível obter informação e reflexão sobre quotidianos correntes e mesmo sobre alguns que podem ser considerados de exceção, está omissa a análise reflexiva sobre as perturbações sofridas pelos quotidianos urbanos em

resultado de catástrofes naturais como terremotos, cheias, acidentes climáticos e as consequências que lhe estavam associadas como incêndios ou carestias alimentares. Uns e outros, ontem como hoje, eram capazes de subverter, por vezes de forma irremediável, o dia a dia das populações urbanas medievais, deixando marcas que nem sempre se podiam apagar.

Os textos agora reunidos, bem como os debates decorrentes das apresentações dos comunicantes e dos oradores convidados deixaram ainda bem claro que as temáticas e problemáticas do estudo do quotidiano nas cidades e vilas medievais implicam o incentivo de uma perspetiva comparativa ou até melhor, de uma história conectada que possa permitir uma ampliação de escala de observação capaz de permitir interpretações mais globais, ultrapassando os limites que, necessariamente sempre tende a ter os campos de observação de cada historiador.

Por outro lado, torna-se evidente que é indispensável ter sempre presente a tensão que, no processo de enquadramento dos quotidianos, então se desenvolvia entre os poderes em presença – régios, senhoriais, concelhios, religiosos – e as comunidades de moradores e forasteiros. Tal permite conhecer a resposta das sociedades medievais aos desafios de vivência do quotidiano em espaços fechados e de grande fragilidade e vulnerabilidade frente aos fenómenos naturais, enquadrados por um xadrez de poderes complexo e nem sempre de âmbitos de exercício bem definidos. E onde se plasmavam padrões morais e religiosos que, em certos espaços, implicavam difíceis co-existências religiosas.

Embora o leque espacial dos estudos aqui publicados seja abrangente, são escassos e/ou inexistentes os que analisam regiões mais afastadas do mundo ibérico – como Inglaterra, França, Alemanha, Polónia, Hungria, Rússia e Turquia – e ligadas a outras culturas, como o Islão e Bizâncio. O alargamento espacial e cultural do campo de observação, sobretudo em cronologias como a Idade Media, teria conferido a esta obra uma maior diversidade de fontes, problemáticas e metodologias no conhecimento de uma temática aliciante, mas muito complexa como é o estudo das vivências e das materialidades do dia a dia das cidades e vilas medievais.

* * *

Uma vez mais, os editores pretendem deixar público o seu agradecimento a todas as instituições e pessoas que contribuíram para tornar este conjunto de iniciativas – *Jornadas Internacionais de Idade Média*, *Escola de Outono* e publicação deste volume – um êxito, garantindo a sua afirmação como uma referência para todos quantos se interessam pela Idade Média e pela cidade medieval em particular. Na pessoa do seu Presidente, Dr. António Pita, queremos agradecer à Câmara Municipal de Castelo de Vide a forma como, desde 2016, tem acolhido estas iniciativas, pois de uma forma

exemplar tem demonstrado que uma comunidade local e uma universidade podem trabalhar em conjunto tendo como objetivos, não apenas a promoção e divulgação de conhecimento científico mas também o de dar a conhecer um território cujo passado e o património medieval são especialmente ricos e fundamentais para compreender o Portugal atual. Através da Dr.^a Patrícia Martins queremos agradecer aos funcionários e funcionárias da Câmara Municipal de Castelo de Vide, que durante estas distintas atividades nos acompanham, garantindo que nenhum pormenor é esquecido e que todas as dificuldades inesperadas se resolvem, sem que ninguém se aperceba. O seu profissionalismo e a sua dedicação constituem fatores fundamentais na construção das boas memórias que os participantes levam de Castelo de Vide.

Ao Instituto de Estudos Medievais, através da sua atual Diretora, a professora Maria de Lurdes Rosa, agradecemos todo o apoio material à realização da *Escola de Outono* e das *Jornadas*. O Marcel Paiva Monte, com o seu saber, rigor e bom gosto tem garantido o sucesso da linha gráfica de divulgação da *Semana Medieval* bem como a concepção gráfica e paginação deste livro. À Mariana Pereira, agradecemos a capacidade de concretizar com um sorriso que parece tornar tudo fácil, as tarefas mais complicadas e inesperadas. Ao Ricardo Cordeiro agradecemos a presença atenta e eficaz durante o desenvolvimento da edição desta obra bem como todas as tarefas que a complexa logística destas atividades exige.

Nunca são demais os agradecimentos a todos os participantes na *Escola de Outono* e nas *Jornadas Internacionais de Idade Média* – estudantes, conferencistas convidados, comunicantes e assistentes – bem como aos revisores científicos dos textos que integram esta obra, pois são eles os protagonistas, não apenas desta publicação mas também deste fórum de discussão sobre a cidade medieval europeia que temos vindo a construir e que pretendemos que se caracterize pela qualidade e pela diversidade de perspetivas.

Aos habitantes de Castelo de Vide, cujo acolhimento pleno de simpatia, tem sido uma das principais razões da vontade de regressar que muitos participantes nos têm manifestado. Bem Hajam!

